



FACULDADE DE EDUCAÇÃO E MEIO AMBIENTE

RHAFELA FARIAS SOARES

**O PAPEL DO PAI NA PSICANÁLISE
WINNICOTTIANA**

ARIQUEMES - RO

2015

Rhafaela Farias Soares

**O PAPEL DO PAI NA PSICANÁLISE
WINNICOTTIANA**

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciatura.

Prof.^a Orientadora: Dra. Maila Beatriz Goellner

ARIQUEMES - RO

2015

Rhafaela Farias Soares

O PAPEL DO PAI NA PSICANÁLISE WINNICOTTIANA

Monografia apresentada ao curso de graduação em Psicologia, da Faculdade de Educação e Meio Ambiente como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciatura.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Orientadora: Dra. Maila Beatriz Goellner
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof.^a Ms. Eliane Alves Almeida Azevedo
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Prof.^a Ms. Ana Claudia Yamashiro Arantes
Faculdade de Educação e Meio Ambiente - FAEMA

Ariquemes, 16 de Novembro de 2015.

Dedico este trabalho à minha mãe, Regina Pereira Farias,
que mediante tantos sacrifícios, me possibilitou chegar aqui.

Sou eternamente grata pelo investimento, pelo amor e
dedicação direcionados a mim e à nossa família.

És meu maior exemplo, mulher forte, cheia de fé e virtudes.
Obrigada mãe, sem você, sua fé e ação, não chegaríamos tão longe!

E sim! É apenas o começo!

AGRADECIMENTOS

À Deus-Pai, o Pai mais que suficientemente bom, à Ele que é o Pai perfeito, conhecedor e supridor de todas as necessidades de seus filhos. À Ele, que plantou este sonho em mim e fez com que tudo se tornasse possível.

À Jesus e ao Espírito Santo, meus amigos, que em meio a tantos percalços, me sustentaram e não permitiram que meus pés se desviassem do propósito.

À Cássia e José Eduardo Bardi, meus pais espirituais. Vocês acreditaram e investiram em mim desde o começo. Cássia, amiga, companheira, sonha comigo e me motiva em tudo. Obrigada! Dudu, inteligente, sensível e sempre atencioso. Obrigada! Vocês fazem parte desta conquista! Os amo.

À Dra. Rosieli Alves Chiaratto, mulher de coração incrível, lindo e generoso. Desde a minha adolescência, você é uma grande inspiração, entre outras coisas, pelo caráter e singeleza. Obrigada por mostrar à mim o potencial de uma mulher.

À Dra. Rosani Alves Souza, com sua paixão pela vida, pela promoção da saúde e do bem estar, e por ser o carinho e a humanização em pessoa. Obrigada por contribuir com minha formação pessoal e profissional. Você é excepcional!

Ao meu eterno coordenador e mestre, aliás meu quase Doutor! Ms. Roberson Geovani Casarin. Você é uma peça fundamental neste processo, detentor de uma competência e carisma singulares. Sua ética e profissionalismo são marcas que levarei por toda minha história. Obrigada por tamanha contribuição!

Às minhas amigas: Débora Ramos, Iriane Schrammel, Luana Patrícia e Rafaela Pansere, sem vocês essa graduação não teria o mesmo cheiro e o mesmo sabor, com todas as nossas diferenças (que não são poucas, diga-se de passagem), somos o melhor quinteto do mundo inteiro! Agradeço à Deus a oportunidade de tê-las conhecido... Obrigada pela honra da caminhada! Eternamente Psicogatas.

Ao meu pai, José Maria, aos meus irmãos: Rágila e Rhelson; aos meus cunhados: Domingos e Vanessa, aos meus sobrinhos: Victor, Vinícius, Lucas e Isabela, essa vitória é nossa. Vocês são o maior presente que Deus poderia ter me dado, um real tesouro! Obrigada pelos momentos que só vocês me proporcionam.

Por fim, à minha maravilhosa orientadora Dra. Maila Beatriz Goellner, você é simples, humana e possui um conhecimento que não cabe dentro de si. Jamais esquecerei suas lágrimas com o sucesso de um atendimento clínico que realizei,

sua reação me constrangeu ao ponto de ficar sem palavras, mas hoje lhe digo: obrigada por ser uma excelente orientadora e uma profissional apaixonada, você me ensinou muito! Até sem palavras.

"O suporte que o pai fornece é, por assim dizer, mais do que o suporte comum que uma pessoa dá a outra, ele é a pessoa mais indicada para, ao lado de sua esposa, criar o ambiente estável e indestrutível onde seus filhos vão crescer."

ROSA, 2009.

RESUMO

Winnicott fala de forma extensa da mãe em sua teoria, por isto, há uma compreensão errônea de que este não traz em seu arcabouço um olhar e atenção especial ao papel do pai no desenvolvimento infantil. O presente trabalho teve como objetivo descrever, à luz da Teoria Psicanalítica de Winnicott, o papel do pai nas fases iniciais do amadurecimento, pontuando suas funções nas primeiras fases do desenvolvimento infantil. Tal olhar sobre os papéis do pai se deram com base na Teoria Psicanalítica de Winnicott, para tanto a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica. Os materiais utilizados como base foram procurados exclusivamente nas Revistas Eletrônicas brasileiras de Winnicott, hospedadas no site da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW), a saber: Revista Natureza Humana e Winnicott e-prints. De acordo com a teoria de Winnicott, é com a mãe que o bebê estabelece o primeiro vínculo, pois esta é capaz de fornecer todo o cuidado que a criança necessita; este primeiro ambiente, o colo da mãe, este se faz fundamental para que o amadurecimento da criança ocorra de forma saudável, porém tal fato não anula a importância do papel e das funções do pai neste processo. A partir dos dados apresentados, tornou-se possível compreender que o pai tem plena importância no desenvolvimento infantil, em primeiro momento substituto materno e amparo à mãe, possibilitando que esta seja uma mãe suficientemente boa, e posteriormente, assumindo os papéis e as funções que lhe são pertencentes em cada etapa do desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Winnicott, psicanálise, papel do pai, presença do pai, função do pai.

ABSTRACT

Winnicott speaks in an extensive form of the mother in his theory, because of this, there is a wrong comprehension that he doesn't bring in his framework a special attention look to the role of the father in child development. The present study had the objective to describe, in the light of Winnicott's psychoanalytic theory, the role of the father in initial phases of growth, pointing his functions on the first phases of child development. Such look about the roles of the father are based on Winnicott's psychoanalytic theory, for such the methodology utilized was a literature research. The utilized materials as base were searched exclusively in Winnicott's Brazilian electronic magazines, hosted in the website of Winnicott psychoanalysis Brazilian society (WPBS), to know: Human nature magazine and Winnicott e-prints. According to Winnicott's theory, it's with the mother that the baby establish the first link, because she is capable to give all care that the child needs, this first environment, mother's lap, is fundamental to the growth of the child happens in a healthy way, however such fact do not invalidates the importance of the role of the functions of the father in the process. Through the data presented, it has been possible to understand, that the father has full importance on child development, in the first moment as maternal substitute and mother's support, enabling the mother to be good enough and further assuming roles and functions that belongs to each phase in child development

Keywords: Winnicott, psychoanalysis, father's role, father's presence, father's function

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
2 OBJETIVOS.....	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 METODOLOGIA.....	14
4 REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 A PSICANÁLISE DE WINNICOTT E A TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL.....	15
4.2 A PRESENÇA DO PAI NO PROCESSO DE AMADURECIMENTO PESSOAL.....	22
4.2.1 O pai no Estágio de Dependência Absoluta.....	24
4.2.2 O pai no Estágio de Dependência Relativa.....	28
4.2.3 O pai no Estágio do Concernimento.....	32
4.2.4 O pai no Estágio Edípico.....	35
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido com a intenção de esclarecer aspectos pertinentes ao pai segundo a teoria psicanalítica de Winnicott. Segundo o Pediatra e Psicanalista Winnicott, o ambiente do bebê é inicialmente a mãe, e a partir dela, vai ampliando-se, sendo inserido o pai, os irmãos, e posteriormente abrange contextos sociais, como a escola e a sociedade em si (AMIRALIAN, 2013).

Pesquisas apontam que a necessidade primária do bebê é de pessoas em quem este possa confiar e de uma presença humana com a qual possa ser estabelecido um vínculo, ou seja, há a necessidade de um ambiente facilitador para o seu crescimento e desenvolvimento, e este ambiente é elaborado a partir destes indivíduos. Todavia, compreende-se que é impossível que não hajam falhas neste ambiente, tendo em vista que sua formação se dá através de seres humanos (RIBEIRO, 2013).

Em seu arcabouço, Winnicott conceitua que o indivíduo é dotado de uma capacidade natural ao amadurecimento e este amadurecimento não diz respeito somente aos aspectos físicos, mas sim emocionais; porém, especifica que esta tendência ao amadurecimento depende de um ambiente facilitador para que o indivíduo possa então alcançar o desenvolvimento, que tem início, mas não fim, reconhecendo que desde a sua concepção, o sujeito está sempre em busca da conquista da autonomia e independência (WINNICOTT, 1990).

Diante disto, para que ocorra esse progresso no desenvolvimento este ambiente facilitador, como já mencionado, é formado primariamente pela mãe¹; desta forma, ela é a responsável por fornecer ao lactante um colo suficientemente bom e garantir a ele o suprimento de todas as suas necessidades básicas. Porém, faz-se importante esclarecer que mesmo sendo a mãe a responsável definitiva e direta pela criança, por ser o primeiro ambiente necessário para o desenvolvimento saudável do bebê, Winnicott não prioriza um genitor em detrimento do outro, mas há uma compreensão dos diferentes papéis desempenhados por cada um dos genitores no que diz respeito ao ambiente suficientemente bom (WINNICOTT, 1993, 2002, 2005).

¹ Ou pessoa que desempenha a função materna (WINNICOTT, 2002).

Desta maneira, entende-se a relevância em apresentar de forma mais clara e objetiva o papel do pai nos primeiros estágios do processo de amadurecimento pessoal, tendo em vista serem estes os decisivos para a formação da personalidade do indivíduo, possibilitando assim a observação das contribuições que o pai tem a oferecer no desenvolvimento do indivíduo e também os prejuízos provenientes das falhas ocorridas, diante da ausência deste ou da presença não efetiva, ou em casos críticos, da presença destrutiva.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Descrever, à luz da Teoria Psicanalítica Winnicottiana, o papel do pai nas fases iniciais do amadurecimento.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Esboçar os pressupostos da Teoria Psicanalítica Winnicottiana;
- Descrever o processo de Amadurecimento Pessoal;
- Destacar o papel do pai nas fases da dependência absoluta, dependência relativa, concernimento e Édipo.

3 METODOLOGIA

Este trabalho foi uma pesquisa bibliográfica. De acordo com Gil (2010), a pesquisa bibliográfica se constitui a partir de material científico já publicado, podendo ser livros, revistas, jornais e anais de eventos científicos, entre outros, passando a incluir, atualmente, materiais disponíveis na internet.

Optou-se por utilizar, duas revistas de publicações teóricas de artigos winnicottianos no Brasil. Assim sendo, os artigos utilizados na pesquisa foram encontrados nas Revistas Eletrônicas: Natureza Humana e Winnicott e-Prints, ambas hospedadas no site da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW), levando em conta os descritores: pai e paternidade. A partir destes descritores foram encontrados 17 artigos, quatro na Revista Natureza Humana e 13 da Revista Winnicott e-Prints, todos publicados entre os anos de 2006 e 2014. Dos artigos encontrados foram utilizados um total de 15. Utilizou-se ainda livros do acervo pessoal da orientadora e da Biblioteca Júlio Bordignon, totalizando dez. O critério de inclusão utilizado foram todos os artigos que trouxessem em seu título o descritor pai ou paternidade. De exclusão, todos que não apresentassem em seu título um dos descritores acima citados ou ainda, que em seu conteúdo não oferecesse o que está proposto nos objetivos gerais e específicos da pesquisa.

4 REVISÃO DE LITERATURA

4.1 A PSICANÁLISE DE WINNICOTT E A TEORIA DO AMADURECIMENTO PESSOAL

A Teria Psicanalítica Winnicottiana tem como principal ponto a teoria do amadurecimento pessoal. Esta aponta que há no ser humano uma tendência inata ao amadurecimento, assim o objetivo central da teoria é que o indivíduo alcance a integração, ou seja, torne-se um ser integral (ROSA, 2009).

Diante deste fato, é importante considerar que Dias (2008) pontua que o ser humano é dotado de uma pré-disposição inata ao amadurecimento, mas que apesar de inata, trata-se de uma tendência e não de uma determinação. Portanto, para que o processo de amadurecimento se estabeleça, o bebê depende necessariamente de um ambiente facilitador. Assim, Winnicott considera que o bebê necessitará de um nível elevado de cuidados, o que ele denomina de "cuidados suficientemente bons"² (ROSA, 2009).

Desta forma, Winnicott (1990) pontua que “muita coisa depende da maneira como a mãe segura o bebê”.

Assim, seu objeto de estudo é o bebê no colo da mãe e sua saída desse ambiente, que ocorre através de vários estágios, de modo criativo, mas absolutamente facilitado pelo ambiente. As conquistas nesses estágios dependem da resolução de problemas cada vez mais elaborados, os quais têm a mesma base que os do bebê no colo da mãe. De acordo com os conhecidos "conceitos universais" da teoria winnicottiana do amadurecimento, esse processo acontece, como já mencionado, em virtude da tendência inata ao amadurecimento em conjunto com a presença do ambiente facilitador (LOPARIC, 2013).

Assim, compreende-se amadurecimento pessoal como a capacidade progressiva de um indivíduo de ser ele mesmo, reunindo habilidades como: cuidar de si, tolerar, significar e re-significar frustrações, reconhecer e considerar o outro de forma peculiar, assim como capacidade para viver a vida de forma inventiva e significativa (SERRALHA, 2009).

² Refere-se aos cuidados oferecidos em conformidade as necessidade do bebê.

Amiralian (2013) afirma que no início a relação mãe-bebê é de dependência absoluta, ou seja, o bebê precisa da mãe para ter todas as suas necessidades supridas; posteriormente esta dependência se torna relativa, pois o bebê alcançou certos degraus em seu processo de integração. Após o estabelecimento do Eu, ou seja, quando a criança alcança a integralidade, o ambiente se amplia, não sendo apenas a mãe e posterior o pai e a família, mas passa para um contexto geral. Assim, a relação que se estabelece é de rumo à independência, nunca absoluta; em outras palavras, o alcance da maturidade se dá enquanto houver vida.

Winnicott, na década de trinta, observou as diversidades de distúrbios seguidas de angústias que não pareciam estar enquadradas como "regressões aos pontos de fixação pré-genitais", provenientes do conflito do complexo edipiano; desta forma, Winnicott concluiu que havia algo errado (LOPARIC, 1996).

Loparic (1999) esclarece que as diferenças que separam a psicanálise winnicottiana da psicanálise freudiana vão além da teórica, mas englobam diferenças diante da concepção e formulação de problemas clínicos.

O fator decisivo para o surgimento da psicanálise winnicottiana foi a extensa experiência pediátrica de Winnicott e sua crescente convicção em relação a existência de problemas iniciais da vida humana que podem ser claramente identificados e descritos, sendo estes distúrbios graves e precoces; tais fatos levaram Winnicott à constatação de que não havia nenhuma relação deste problemas primários com a angústia de castração proposta pela teoria freudiana (LOPARIC, 1996, 1999).

Ao constatar que o bebê pode adoecer e mesmo psicotizar no colo da mãe, Winnicott começou a vislumbrar que o problema básico subjacente não pode ser o da sexualidade, mas o da continuidade do ser e do crescimento. O bebê psicotiza não porque é frustrado, mas porque não consegue mais crescer ou, pior ainda, continuar existindo. A partir desse momento, o problema do crescimento humano tornou-se o problema teórico central da psicanálise winnicottiana. (LOPARIC, 1999, p. 21, 22).

A reformulação proposta por Winnicott é o bebê no colo da mãe que precisa crescer, ou seja, estabelecer um alicerce para continuar existindo e integrar-se numa unidade (LOPARIC, 2006).

Desta forma, segundo o autor (1999) o problema central da psicanálise winnicottiana é o crescimento humano. Dias (2007) afirma que a clínica winnicottiana

tem como espinha dorsal do seu trabalho teórico e clínico a teoria do processo de amadurecimento pessoal do indivíduo.

"Winnicott concentrou grande parte de sua obra na explicitação do que acontece com o bebê nos estágios iniciais de sua vida, afirmando que a mãe formou o ambiente imediato que o recém-nascido necessita para amadurecer" (ROSA, 2009).

Assim sendo, a unidade mãe-bebê é a primeira forma de unidade para o bebê e tem seu alicerce na identificação primária, favorecida pela identificação da mãe com as necessidades do bebê, em especial com a indispensabilidade de se tornar um ser unitário (LOPARIC, 2013).

Conforme Dias (2008), a teoria do amadurecimento é o ponto de partida para que se alcance a compreensão a cerca dos distúrbios psíquicos existentes.

Winnicott ofereceu uma articulação de duas das suas teses teóricas mais importantes sobre a etiologia dos distúrbios psíquicos: 1) o processo fundamental perturbado se deve ao amadurecimento emocional, e 2) que o fator externo, ou seja, o ambiente, é um fator decisivo no surgimento dos distúrbios psíquicos (LOPARIC, 2006).

Segundo Dias (2008), a teoria do amadurecimento está baseada em algumas concepções básicas:

a) Todo ser humano é dotado de uma pré-disposição inata ao amadurecimento, apesar de inata, contudo, a tendência não parte de uma orientação interna, ou seja, trata-se de uma tendência e não de uma determinação. Para que a pré-disposição se estabeleça, o bebê depende necessariamente de um ambiente facilitador que forneça cuidados suficientemente bons.

b) O amadurecimento começa após a concepção e não cessa até a morte, quando há saúde.

c) A saúde é um estado complexo, que tem suas próprias exigências e deve ser pensada em si mesma. Desta forma Winnicott, não vê a saúde como ausência de doença. O autor apresenta a existência humana como detentora de dificuldades que pertencem ao fato de estar vivo e de amadurecer. Dias (2008, p. 33) afirma que "desde o início, *a vida é difícil em si mesma* e a tarefa de viver, de continuar vivo e amadurecer é uma batalha que sempre permanece."

d) Não há possibilidade de reconhecer qualquer aspecto, seja ele saudável ou doente, sem se reportar ao ponto específico do processo de amadurecimento ao qual pertence ou no qual teve origem.

Desta forma, no que se consiste a teoria do amadurecimento proposta por Winnicott? Segundo o referido autor, consiste:

Na descrição e conceituação das diferentes tarefas, conquistas e dificuldades que são inerentes ao crescimento em cada um dos estágios da vida, desde o momento em que um estado de ser tem início, ainda na vida intra-uterina, estendendo-se pela infância, adolescência, juventude, idade adulta e velhice até a morte. A ênfase da teoria recai sobre os estágios iniciais, pois é nesse período que estão sendo constituídos os alicerces da personalidade e da saúde psíquica (DIAS, 2008, p. 34).

Entretanto, é necessário que se compreenda que o amadurecimento ao que Winnicott se refere não é a do bebê enquanto entidade física, mas o que amadurece é o "eu" do bebê; assim pode-se perceber o porque de existirem seres humanos biologicamente adultos e emocionalmente imaturos: isso se deve a incapacidade de construção da identidade pessoal e da integração enquanto seres (LOPARIC, 1999).

Ainda reforçando a concepção "a" descrita anteriormente, Loparic (2006) afirma que existe um potencial para o desenvolvimento de uma personalidade, ou seja, há uma tendência geral voltada para o crescimento e desenvolvimento tanto físico quanto psíquico. Deste modo, existem, "tanto no campo físico quanto no psicológico, as tendências hereditárias, e estas, do lado da psique, incluem as tendências que levam à integração ou à consumação da totalidade." (WINNICOTT, 2002, p. 79).

Cáurio (2000) aponta as Etapas no Processo de Desenvolvimento Humano: Num primeiro momento a mãe entra em estado de preocupação materna primária e esta se volta inteiramente para o bebê, ocorrendo assim uma identificação primária; onde nesta, a mãe vive um estado esquizóide, pois fornecerá ao lactente tudo o que se fizer necessário para o seu desenvolvimento. Na realidade, o mundo se restringe a ele e a mãe internalizada, ocorrendo assim uma fusão entre a mãe e o bebê.

A mãe, ao desempenhar sua função, não age de forma premeditada, mas natural, ou seja, ao segurar, amamentar ou acolher a criança a mãe responde às necessidades do bebê de forma plenamente espontânea. Essa experiência permite ao bebê, experimentar um sentimento de crença em si mesmo e na vida (RIBEIRO, 2013).

Quando a mãe se encontra em estado de preocupação materna primária ela fornece ao bebê a experiência de ilusão de onipotência, na medida em que garante ao bebê exatamente aquilo que ele necessita na hora em que a tensão surge. Em outras palavras, todos os anseios do bebê são saciados de forma imediata, dando à este a sensação de que tudo é dele (seio, olhar, toque).

Após a vivência da preocupação materna primária a mãe começa naturalmente a "falhar" em seus cuidados com o bebê, e é através desta falha que o bebê começa a perceber que existe o eu e o não-eu; o espaço entre os dois é efetivado pelo objeto transicional, que é a primeira possessão do bebê. Trata-se então da transicionalidade: o bebê elege algo e esse objeto irá ajudá-lo a suportar a realidade de que ele e a mãe são separados; auxiliará ainda o bebê a dar início ao processo de transição entre a sua relação primária com a mãe para uma relação com o objeto (DIAS, 2003).

O bebê, que começou a vida numa experiência de ilusão de onipotência, inicia agora o desenvolvimento de uma autonomia crescente. Os cuidados e posteriormente as "falhas" naturais de uma mãe suficientemente boa levam o bebê a desenvolver uma progressiva confiança em si mesmo o que o capacita a "estar só". Winnicott afirmava que apenas o verdadeiro *self* poderia ser criativo; e que o ser que não é criativo detém justamente uma apatia ou inutilidade frente à existência (DIAS, 2003).

As fases iniciais apresentadas por Winnicott na teoria do amadurecimento são: dependência absoluta e dependência relativa.

Na dependência absoluta o bebê depende completamente da mãe, esta dependência é desconhecida pelo bebê, pois este percebe ele e a mãe como uma coisa só. A mãe vive em função do bebê e de suas necessidades de forma extremamente natural, pois se encontra na "preocupação materna primária", que é quando ela se doa sem restrições aos cuidados do bebê. Este estado da mãe normalmente tem início no fim da gestação e se prolonga por alguns meses após o parto. A mãe nesta fase age através de três funções maternas básicas: *Holding*, *Handling* e Apresentação do Objeto. Segundo Cáurio (2000), no *Holding* a mãe oferece "sustentação", não somente corporal, mas psicológica (ex: cuidados físicos, psicológicos, atenção, amparo, etc). Através desta sustentação o processo de integração é facilitado pela mãe, pois a criança passa a se perceber no tempo e no espaço, ou seja, ele se integra à outro contexto, posterior a mãe. A função de

Handling diz respeito ao manejo em relação ao bebê, são os cuidados delicados direcionados ao bebê e suas necessidades (CÁURIO, 2000). De acordo com Borges-Duarte (2013) "A mãe será aquela que naturalmente segura e maneja seu filho com um tônus de entrega, acolhimento e sustentação, propiciando momentos de contato sem atividade e a conseqüente vivência da fusionalidade." (p. 12).

Na Apresentação do Objeto, pela necessidade do bebê, algo (objeto) surge e a compreensão que se tem é que este objeto foi criado por ele. É através deste surgir, que o bebê experiencia a ilusão de onipotência. Uma mãe que cumpre estas três funções de forma satisfatória, agindo de forma que não comprometa o desenvolvimento psíquico do bebê, é chamada de mãe suficientemente boa (DIAS, 2003).

Ao falar da mãe suficientemente boa Winnicott não se refere a uma mãe "perfeita", mas sim a uma mãe flexível e disponível o suficiente para acompanhar o filho em suas necessidades, tendo em vista que as necessidades do bebê variam e evoluem no trajeto rumo à maturidade e a autonomia (CÁURIO, 2000).

Cáurio (2000) aponta ainda que "uma das funções que a mãe suficientemente boa cumpre é a de apresentação de objeto, ou seja, entregar ao bebê o objeto desejado no momento em que ele o necessita" (p. 2). O autor traz que essa ilusão que o bebê tem de "criar" o objeto tem uma importância dupla no desenvolvimento do bebê enquanto ser humano, pois reforça a onipotência do bebê, ao mesmo tempo que possibilita a crença de que no universo existe tudo o que ele precisar e deseja.

Na dependência relativa a criança passa a ter uma melhor compreensão de sua separação em relação à mãe, e já não depende tanto de seus cuidados como na dependência absoluta, através dessa relativa dependência a criança passa a se desenvolver, tolerando assim as "faltas" da mãe. Nesta fase a mãe se volta mais a suas atividades e acontece, assim, uma desadaptação gradual da mãe em relação às necessidades do bebê; é como se a mãe se "cansasse" das exigências naturais da criança, porém essa atitude da mãe não traz prejuízos psíquicos ao desenvolvimento da criança. Como já dito, na dependência absoluta a criança tem a "ilusão" de que tudo pode e de que tudo acontece a partir da necessidade dela, pois "instantaneamente" seus pedidos são atendidos. Na fase da dependência relativa ela percebe que é um ser separado da mãe e que o "suprimento" de seus pedidos não advém dela, mas dessa mãe (DIAS, 2003).

Outro conceito na Teoria do Amadurecimento é o da Transicionalidade. A respeito disso, Winnicott (1975) chamou de fenômenos transicionais o fato da criança manusear objetos verdadeiramente 'não-eu'. "Mais cedo ou mais tarde, no desenvolvimento de um bebê, surge por parte dele uma tendência a entremear objetos 'diferentes-de-mim' no padrão pessoal." (WINNICOTT, 1975, p. 13). De acordo com o autor, esses objetos transicionais, até certo ponto, representam o seio materno e diminuem a angústia de separação sentida pelo bebê na dependência relativa.

Neste contexto podem surgir objetos ou fenômenos que se tornem fundamental para o bebê na hora de dormir, assim, esses objetos ou fenômenos transicionais se constituem um amparo contra a ansiedade que pode vir acometer o bebê (WINNICOTT, 1975).

O Estágio do EU SOU é a integração, ou seja, nela se dá a identidade unitária da criança. Segundo Dias (2003 *apud* LEMGRUBER, 2005) "Eu sou" é o estágio em que ocorre "a conquista da unidade num eu integrado" (p. 73). Após esse estágio a criança terá que defrontar-se, no estágio do concernimento, com a tarefa de integrar a sua impulsividade instintual. A habilidade de sentir-se culpada e de se responsabilizar pelas consequências da sua instintualidade se estabelecem nesta fase (DIAS, 2008).

Desta maneira:

A conquista do concernimento se traduz pela passagem gradual do bebê de um estado de incompadecimento inicial para um estado de ser compadecido (concernido, preocupado) e responsável pelas consequências do que sente, pensa e faz. O bebê naturalmente vê-se às voltas com um sentimento de culpa não patológico e um senso de responsabilidade pessoal. O estado de ser concernido será experienciado como um sentimento algo próximo da preocupação (MORAES, 2010 p. 236).

Dias (2008), em sua compreensão da teoria de Winnicott, afirma que uma pessoa que se constrói a partir de sua tendência inata, ou seja, quando ela é ela mesma, resultado de sua construção subjetiva, pode-se dizer que este é o seu *Self* verdadeiro.

"Para Winnicott, o termo *Self* apresenta-se essencialmente como uma descrição psicológica de como o analisando se sente subjetivamente, sendo o 'sentir-se real' o que coloca no centro do sentimento do *Self*." (CÁURIO, 2000, p. 3).

No que diz respeito ao Verdadeiro *Self* e Falso *Self*, Winnicott afirma que o desenvolvimento do falso *self* é natural e tem por objetivo a adaptação da criança ao meio ao qual está inserida e que requer dela certas atitudes. Em um padrão patológico o falso *self* pode ser utilizado de forma exclusiva, quando o indivíduo tem a necessidade de atender e satisfazer as necessidades do meio, de forma que o uso permanente do falso *self* oculta o verdadeiro *self*, apresentando apenas o que é superficial e socialmente aceito e não a identidade e personalidade real do indivíduo em questão (LEMGRUBER, 2005).

Winnicott ampliou e alterou substancialmente o conceito de clínica psicanalítica, tendo em vista seus estudos sobre a classificação dos distúrbios e a etiologia destes. As mudanças levaram Winnicott a descrever "três variedades básicas de "psicoterapia": a das psicoses, a das depressões reativas e das neuroses e a da tendência anti-social." (WINNICOTT, 1984a *apud* LOPARIC, 2006, p. 11).

Segundo a teoria winnicottiana a natureza dos distúrbios psíquicos está diretamente relacionada com a etapa, na linha do amadurecimento, em que a dificuldade surgiu; para um diagnóstico deve-se levar impreterivelmente em consideração que "qualquer que seja o fenômeno que queiramos considerar, ele só poderá ser devidamente apreciado se levarmos em conta todo o processo de amadurecimento do indivíduo, desde os estágios mais primitivos." (DIAS, 2008, p. 35).

Desta forma, ao substituir a teoria da sexualidade por uma teoria que tem por base a tendência inata ao amadurecimento, Winnicott não trata apenas da importância do ambiente real, mas amplia também, de modo significativo a percepção acerca dos papéis maternos e paternos (LOPARIC, 2006b *apud* FARIA, 2014).

4.2 A PRESENÇA DO PAI NO PROCESSO DE AMADURECIMENTO PESSOAL

Rosa (2009) aponta que na fase primitiva o que importa para a constituição do bebê é o que ocorre na relação dual mãe-bebê, e esta relação é diretamente sustentada pelo pai.

Segundo a mesma autora, na visão de Winnicott, o pai está presente na vida do bebê de diferentes maneiras e assim exerce diferentes papéis no decorrer do seu

processo de amadurecimento pessoal, esses papéis variam conforme o desenvolvimento da maturidade do bebê (ROSA, 2009).

Amiralian (2013) apresenta o pai como ambiente próximo ao bebê, tendo assim um papel fundamental em seu amadurecimento, o que diz respeito tanto ao alcance de um desenvolvimento saudável como também diante de prejuízos psíquicos resultantes de falhas no desempenho deste papel.

Desta forma, a psicanálise de Winnicott permite identificar responsabilidades específicas pertinentes ao papel paterno ao longo do processo de amadurecimento. O desempenho deste papel varia de acordo com as diferentes fases de dependência e a relação com o ambiente. Em seu esboço, Winnicott apresenta o papel tanto materno quanto paterno usando como referência o desempenho de pais capazes de cuidarem de forma satisfatória de seus filhos, tendo em vista que estes tiveram a oportunidade de amadurecer e assim são capazes de ofertar esse ambiente favorável e serem pais suficientemente bons apontando assim que as dificuldades no exercício dos papéis parentais ocorrem quando os indivíduos em questão vivenciaram falhas em seu próprio processo de amadurecimento, o que pode levar estes pais a um desempenho insuficiente para com a criança (SERRALHA, 2014).

O que é prioritário para Winnicott, no que diz respeito ao pai (e obviamente também à mãe) é a participação efetiva deste na vida da criança, sendo determinante a qualidade desta presença. Faz-se importante destacar que o posterior desenvolvimento da relação com o pai tem como base essas experiências iniciais entre ambos. "Na teoria winnicottiana, a análise do papel do pai parte da ideia de um bebê amadurecendo dentro de uma família, composta por pessoas reais que lhe dispensam cuidados reais" (ROSA, 2009, p. 59).

Freud, no arcabouço do seu próprio e bem-disciplinado funcionamento mental, não sabia que temos hoje de lidar com um problema como o seguinte: o que há na presença real do pai e do papel que ele desempenha na experiência do relacionamento entre ele e a criança e entre a criança e ele? O que isto causa ao bebê? Pois há uma diferença, que depende de o pai achar-se lá ou não, se é capaz de estabelecer um relacionamento ou não, se é são ou insano, se tem a personalidade livre ou rígida (WINNICOTT, 1994, p. 188).

Assim, no que diz respeito ao desenvolvimento maturacional, a efetiva presença do pai pode trazer grande auxílio, bem como sua ausência, prejuízos significativos à criança. Desta forma, o grau de potencialidade deste pai, ou seja,

sua própria maturidade e disposição física e mental para esta relação, é amplamente considerada por Winnicott.

A seguir serão descritas as fases correspondentes a teoria do amadurecimento e a importância da presença e do papel do pai nas respectivas fases.

4.2.1 O Pai no Estágio de Dependência Absoluta

Durante o período de dependência absoluta o bebê vive no interior da relação dual com a mãe, assim, nas formulações de Winnicott, está inserida a ideia de que a mãe e o pai, juntos, formam o ambiente total necessário para que o bebê amadureça, mesmo que o lugar do pai neste momento do processo não seja o mesmo da mãe na relação direta com o bebê. Assim, neste início o pai participa desta relação assumindo dois papéis principais: a de mãe substituta e oferecendo sustentação à mãe neste processo (ROSA, 2013).

Pontua Rosa: "No início da vida, quando tudo que é relativo à constituição do bebê ocorre no interior da relação com a mãe, um dos importantes papéis que cabe ao pai desempenhar que é ser como uma mãe substituta para o bebê" (ROSA, 2010, p. 7).

Ou seja, poderá fazer-se necessário que o pai, por determinado período, exerça as funções maternas, assumindo assim o papel de mãe-substituta; desta forma, deverá ele agir sustentando no tempo a integração do ser, o que requer que o pai mantenha-se na condição de objeto subjetivo (WINNICOTT, 2000).

Para exercer essa função é necessário que o pai desempenhe o seu lado materno. Winnicott reitera a ideia de que no começo da vida o pai não exerce, diretamente enquanto pai, nenhum papel; é somente através da sua atuação como mãe substituta que este estabelece uma relação com o bebê (ROSA, 2009).

Faria (2014) pontua que é interessante considerar a capacidade do homem em se adaptar quando coloca-se no lugar de mãe substituta, pois, ao fazê-lo de modo apropriado às necessidades da criança, preservará, enquanto objeto subjetivo, a integração do bebê, que só poderá continuar a ser no âmbito de uma relação diádica.

Existe no homem um "elemento feminino puro" e é através deste elemento como também de outros fatores, como a experiência de ter sido cuidado por uma

mãe quando bebê, que possibilita ao homem realizar bem o papel de mãe substituta. Winnicott afirma: “Quando digo mãe, não estou excluindo o pai, mas é que nesse estágio o que nos interessa é o aspecto materno do pai.” (WINNICOTT, 2002, p. 83).

A função de mãe substituta exercida pelo pai pode, entre outras coisas, possibilitar à mãe condições de se re-estabelecer da exaustiva tarefa de oferecer sustentação ao amadurecimento do bebê. Mas é primordial que este papel substituto seja desempenhado por um tempo, pois o pai não pode, em nenhum aspecto, substituir definitivamente a mãe (FARIA, 2014).

O outro papel do pai na fase da dependência absoluta refere-se à função de principal “cuidador” da díade mãe-bebê: é ele quem oferece sustentação à mãe diante da relação desta com o bebê, tendo então a função de protegê-la das influências externas de modo que ela possa mergulhar na “preocupação materna primária” (ROSA, 2009, p. 66).

Desta forma, a mãe deve estar plenamente devota à criança, e para que possa desenvolver com satisfação seu papel, dependerá não apenas de sua saúde emocional, mas também do ambiente que poderá ou não contribuir para o êxito deste processo. Assim, o pai ao oferecer *holding* à mãe, possibilita a esta torna-se introvertida e egocêntrica por certo período de tempo (DETHIVILLE, 2014).

Faria (2014) reforça que à mãe-ambiente, que sustenta a integração do novo ser, o pai vem contribuir suprimindo à unidade mãe-bebê, possibilitando que o amadurecimento possa ocorrer de acordo com a necessidade do bebê. Torna-se ainda mais fundamental esta função ao se observar que a mãe por estar devotada ao bebê, que se encontra em dependência absoluta, e em identificação com este, acha-se também em estado de desamparo e parcialmente regredida.

A respeito disso, Rosa (2009) aponta que:

Adequadamente protegida pelo seu homem, à mãe é poupado o trabalho de ter que se ocupar das coisas externas que aconteçam à sua volta, numa época em que ela tanto precisa concentrar-se, quando tanto anseia por preocupar-se com o interior do círculo formado pelos seus braços e no centro do qual está o bebê (WINNICOTT, 2008, p. 27).

Diante disso, Winnicott afirma e ressalta a qualidade e o valor do apoio que o próprio pai da criança, ou o marido, pode oferecer à mãe neste momento, tendo em vista, que é este que oferece *holding* à mãe, fundamentalmente quando esta encontra-se cuidando do desamparo do lactante (ROSA, 2009).

No período inicial de maternagem, a mãe entra em uma condição de adaptação às necessidades do bebê, assim está se encontra imatura, dependente e desamparada, e diante disso, pode colocar-se no lugar do bebê vivenciando o que se chama de identificação. Entretanto, para garantir o retorno desta mãe ao seu estado normal e assegurar que esta consiga ser uma mãe suficientemente boa é necessário um ambiente sustentador dessa condição sensível, imatura e dependente, possibilitando que neste período a mãe não precise prematuramente sair deste estado, o que prejudicaria substancialmente seu papel, tendo em vista que é uma necessidade do processo de amadurecimento do bebê que a mãe identifique-se e volte-se completamente às suas necessidades básicas (SERRALHA, 2014).

Para Winnicott, “[...] cada nova criança é uma ameaça à própria organização materna, à sua cuidadosamente edificada e bem mantida ordem de coisas.” (WINNICOTT, 2008, p. 137).

O teórico afirma ainda que devotar-se ao bebê satisfatoriamente não depende apenas da saúde mental da mulher, mas há uma influência direta do ambiente nesta questão. Em linhas gerais, o homem precisa lidar com realidade externa para que a mulher possa contar com um ambiente seguro e estável para se tornar temporária e necessariamente introvertida e egocêntrica (WINNICOTT, 1983).

Assim, demonstra-se a plena necessidade do *holding* oferecido pelo pai nesta etapa de dependência absoluta do bebê, pois o mesmo possibilita e potencializa a capacidade da mãe de desempenhar bem sua função.

Winnicott também escreveu a cerca da sua experiência diante de mães que não desfrutavam dessa necessidade atendida, conforme aponta:

[...] no meu trabalho, aprendi muito sobre as dificuldades que as mães enfrentam quando não desfrutam uma posição favorável. Talvez tenham grandes dificuldades pessoais, de modo que não podem ter um bom desempenho, mesmo quando são capazes de ver o caminho; ou têm maridos que estão longe, ou que não fornecem um apoio adequado, ou que interferem, que são até ciumentos; algumas não têm marido, mas têm ainda que criar o bebê (WINNICOTT, 1993a/1993 *apud* SERRALHA, 2014, p. 45).

Conclui-se desta forma, que a qualidade do colo que a mãe oferece ao bebê é diretamente afetada pela sustentação que o pai dá, ou não, a ela (ROSA, 2009).

Rosa (2009) descreve que na ausência da mãe, logo após o nascimento do bebê, devido hospitalização, por exemplo, ou ausência do pai por qualquer motivo,

impossibilitando-o de estar presente sustentando este início de relação dual, podem gerar, proveniente destas falhas ambientais, distorções no que seriam os cuidados suficientemente bons, ou seja, o atendimento às necessidades do bebê.

Ribeiro (2013) pontua que alguns pais conseguem apenas até certa altura apoiar as mães e assim exercerem seus papéis nesta fase, não chegando, então, até o ponto adequado para que a maturidade do bebê possa se desenvolver sem prejuízos, assim os pais passam a chamar para si, prematuramente, a mãe, tirando-a antes da hora de sua posição primordial à saúde do bebê. A mãe, buscando manter o equilíbrio familiar, voltará sua atenção ao marido e às necessidades externas à relação dual. Diante desta ausência precoce da mãe, o bebê apressa-se à desenvolver, como medida compensatória a falha instaurada, ou seja, instabilidade gerada no ambiente, devido a prematura ausência materna.

O autor aponta ainda que, em certos casos, o pai chega a ausentar-se até definitivamente, pois não reconhece a situação familiar como uma escolha, não compreendendo a fase normal pela qual a mulher passa, de identificação e preocupação materna primária, e diante disto perde o interesse pela pessoa que sua mulher, agora mãe, se tornou. Neste momento é possível que a mãe sofra um abandono, e pode também requerer um amadurecimento rápido do bebê, visando a disponibilidade física e mental para reorganizar sua vida (RIBEIRO, 2013).

Há ainda de se considerar que o pai, "perdendo" o lugar de prioridade no seio da família e não tendo lugar direto na relação com o bebê, pode vir a apresentar condições precárias de fornecer sustentação à mãe, essa falta de provisão pode se dar devido à questões pertencentes ao seu próprio amadurecimento. Desta maneira, pode-se fazer necessário o apoio de terceiros ao pai, possibilitando assim que este possa exercer seu papel (RIBEIRO, 2013).

Podem ocorrer ainda, situações nas quais a mãe – por diversos fatores – não tenha condições de cumprir suas funções. Dada circunstância, o pai poderá se estabelecer como um substituto materno fundamental o que pode se dar também na ausência do pai. Todavia, é interessante lembrar que não é possível desempenhar os papéis de pai e mãe ao mesmo tempo sem que haja algum tipo de prejuízo nas duas funções (NETO, 2011).

Winnicott afirma que a mãe é a grande responsável pela organização da vida de uma criança, os filhos sentem-se confortáveis ao deparar-se com uma mãe capaz de conduzir um lar enquanto o pai não está nele; assim sendo, a mulher pode utilizar

da autoridade, mas se esta missão de fortaleza e rigidez lhe for absoluta, estará sobre ela um peso tremendo (WINNICOTT, 2008).

Rosa (2011) complementa esta ideia ao lembrar que a mãe, não podendo contar com o pai e sentindo-se sobrecarregada, pode tornar-se demasiadamente rígida, o que resultará na perda da tranquilidade e docilidade que outrora possuía, dispensava e era notoriamente necessária ao filho. É importante considerar que tal controle exercido em relação ao filho pode ser exclusivamente uma expressão da alta irritabilidade que a mãe experimenta e não necessariamente para benefício da criança.

Galván (2013) pontua que a presença e a influência do pai tem uma contribuição própria e significativa nas diversas fases do processo de amadurecimento do indivíduo, podendo ajudar, atrapalhar, ou até mesmo comprometer a potencialidade que a criança tem ao amadurecimento e a independência. Desta forma, o pai pode estar envolvido – em vários graus e de diversificadas maneiras – na etiologia dos distúrbios psíquicos.

Ainda sobre este aspecto, Rosa (2011 *apud* FARIA, 2014) enfatiza que diversas vezes os distúrbios puerperais estão diretamente ligados às falhas na cobertura protetora do ambiente facilitador necessário para o desenvolvimento da unidade mãe-bebê, tendo em vista ser função primária e fundamental do pai garantir tal proteção.

4.2.2 O Pai no Estágio de Dependência Relativa

Neste estágio, o papel do pai no que diz respeito à mãe substituta e sustentador da relação dual mãe-bebê ainda se fará presente, mas novas configurações serão acrescentadas ao papel do pai devido às mudanças e conquistas do bebê dentro da relação dual, que tem como objetivo a evolução desta relação para uma separação da unidade mãe/bebê e a constituição da identidade pessoal e unitária do bebê (ROSA, 2009). É neste momento que o bebê precisará aprender a lidar com as pequenas falhas ambientais provenientes da mãe, tendo em vista que essa começará a ser desapropriada da natural preocupação materna primária e voltar-se-á gradualmente às suas necessidades e aspirações pessoais.

Segundo Rosa (2013), nesta fase ocorre uma desadaptação gradual que deve ser promovida pela mãe a fim de potencializar a experiência de compreensão

mental do bebê, gerando assim o seu desenvolvimento rumo a independência saudável. Percebe-se nesta fase que o bebê não necessita mais de uma mãe que o supra prontamente, passando assim pelo momento de desilusão enquanto a mãe realiza o desmame. Tal circunstância pode gerar na mãe um incômodo devido as reações do bebê frente a desilusão de onipotência. Diante disso o pai tem profunda contribuição, pois proporciona à mãe a capacidade de superar a angústia deste processo.

É o pai que chamando a mãe, para si e para os componentes externos, favorecerá esse trajeto, possibilitando que esta consiga sentir-se firme para realizar o desmame." São necessários ao pai tanto firmeza no apoio ao desmame como sensibilidade para perceber os sentimentos da díade mãe-bebê e a singularidade com que esse processo tem que ser realizado." (RIBEIRO 2013, p. 8).

Assim, o primeiro papel do pai na dependência relativa é o de auxiliar a mãe a sair do estado de preocupação materna primária; conforme afirma Winnicott, é o pai que lembrará a mulher que ser mulher é mais do que ser mãe (FARIA, 2014).

Rosa (2013) pontua a esperança de Winnicott a este respeito:

Mas eu espero que, em última instância seja o pai quem intervenha e defenda a esposa. Ele também tem seus direitos. Não só quer ver sua esposa recuperar uma existência independente, mas também quer estar apto a ter sua esposa para si, mesmo que em certos momentos isso signifique a exclusão de crianças. (WINNICOTT 1993i[1960]/1999 *apud* ROSA, 2013, p. 5).

Desta forma, espera-se este movimento do pai, em requerer sua mulher de volta para si a fim de receber desta a atenção e os cuidados pertinentes ao seu papel de esposa. Entretanto, é necessário que o pai permaneça desenvolvendo seu papel para que a esposa tenha tais condições. Então, além de fortalecer a esposa no que diz respeito a tolerar a retaliação do bebê frente ao desmame e todo processo de desilusão de onipotência, o pai deve manter a estabilidade do ambiente e também buscar relacionar-se cada vez mais com o bebê, com o objetivo de amplificar as relações deste; pode ainda neste processo assumir certas tarefas relacionadas ao manejo do bebê, tendo em vista que o processo de crescer e amadurecer do bebê requer muita dedicação e disposição física e mental de sua esposa (RIBEIRO, 2013).

Rosa (2009) aponta que outro aspecto pertinente ao pai é que através deste, o bebê começará a distinguir nos cuidados da mãe alguns aspectos que podem ser

compreendidos como paternos: a firmeza, a dureza e a inflexibilidade, são alguns exemplos. Isso, no entanto, não significa dizer que é o pai quem decide quando entrar efetivamente na vida do filho, por mais que ele anseie por este acontecimento, mas é nesta fase que o bebê, a medida que se separa da mãe, vai criando a presença do pai em sua vida. Como aponta Rosa (2009, p. 72) "o bebê amadurece e, a partir dos cuidados maternos, avançando na direção da independência, encontra o pai."

Desta maneira, a entrada do pai na vida da criança não é imposta, violenta ou traumática, e não acontece através de uma dissolução da relação mãe-bebê, mas se dá dentro e a partir desta (ROSA, 2009).

Assim, o pai irá se constituindo como uma duplicação da figura materna, isso a partir da percepção da criança, tendo em vista a manifestação de aspectos mais "paternais" diríamos, aspectos mais duros e severos, implacáveis, indestrutíveis, até tornar-se, no futuro do amadurecimento do lactente, uma figura capaz de suportar, diferentemente da mãe, o ódio e a destrutividade advinda do bebê (FARIA, 2014).

Outro aspecto fundamental nesta fase é que o pai é quem fornece à criança a primeira configuração da pessoa total, isso se dá pelo fato do pai nunca ter estado tão ligado ao bebê como a mãe estivera, e também devido suas características peculiares masculinas que denotam sua diferença em relação à mãe (ROSA, 2013).

Winnicott, acerca do pai, afirma que este pode ser "o primeiro vislumbre que a criança tem da integração e da totalidade pessoal" (WINNICOTT, 1994, p. 188). Desta forma, entende-se que o bebê faz uso do pai como numa qualidade de diagrama para a sua própria integração, ou seja, o pai surge como modelo de integração, apontando para o ser unitário a que o bebê irá chegar, se tudo correr bem (ROSA, 2013).

Winnicott (1994) apresenta a proposta, no que diz respeito ao pai como pai e não como substituto materno, que num caso favorável este "começa como totalidade" (p. 189) e só posteriormente "se torna dotado de um importante objeto parcial" (p. 189) para o bebê.

Desta forma, Neto (2011) confirma que mesmo o pai sendo visto, nos primeiros momentos, sob aspectos maternos, é fundamental que ele possa ficar distinto deste, permanecendo em seus papéis e funções primários, ou seja, como pai e esposo. O primeiro benefício de tal atitude é que desta forma será possível a este oferecer suporte físico e emocional à esposa, possibilitando que ela possa

cuidar do filho durante o tempo necessário. Outro benefício é que somente se o pai estiver em sua posição própria será possível à criança identificar o pai e percebê-lo como uma terceira figura, separada da mãe, e por assim dizer, uma pessoa total. Acredita Winnicott, segundo Rosa (2009), que tal fato ocorra especificamente pelo fato do pai nunca ter estado tão próximo ao bebê como esteve a mãe.

Outro aspecto do pai que surge nesta fase é o “não” que a mãe inicialmente dirigia exclusivamente às interferências externas e que agora passa a ser direcionado também ao bebê. Segundo Winnicott a aparição desse segundo “não” é um dos primeiros sinais específicos do paterno na vida da criança (ROSA, 2009).

O autor afirma:

Uma palavra a mais acerca do “não” de uma mãe. Não é esse o primeiro sinal de pai? Em parte, os pais são como mães e podem ficar tomando conta do bebê e fazer todo o gênero de coisas como uma mulher. Mas, como pais, parece-me que eles aparecem pela primeira vez no horizonte do bebê como aquele aspecto inflexível da mãe que a habilita a dizer “não” e a sustentar a negativa com firmeza. Gradualmente, e com sorte, este princípio do “não” passa a estar consubstanciado no próprio homem, o Papai, que passa a ser amado e poderá aplicar a ocasional palmada sem perder nada. Mas ele tem de merecer o direito a dar palmadas se pretender dá-las e, para adquirir esse direito, deverá fazer coisas como ter uma presença assídua no lar e não estar do lado da criança contra a mãe. No começo, vocês podem não gostar da ideia de consubstanciar o “não”; mas talvez aceitem o que pretendo dizer quando lembro que as crianças pequenas gostam que se lhes diga “não”. (WINNICOTT, 1993f, p. 44 *apud* ROSA, 2009).

Assim, faz-se necessário o estabelecimento deste “não” em direção à criança, protegendo-a mais tarde de seus aspectos opostos e destrutivos, garantindo assim que sua instintualidade seja vivenciada, mas que não traga prejuízos permanentes ao ambiente, e desta forma, proporcionando uma sensação de tranquilidade e segurança.

No estágio da dependência relativa, o pai tem ainda a função de, através da qualidade de sua presença, modular o espírito da mãe, tendo em vista que esta ao estar sob sentimento de proteção poderá continuar a desempenhar suas funções maternas adequadamente e garantir a qualidade do colo, não de forma simbólica, mas de forma efetiva. Assim, é natural constatar que todo cuidado paterno em relação a sustentação mãe-bebê e a efetiva preocupação e consideração às necessidades da mãe tem influência direta no colo materno que o bebê recebe. Por esta causa, Winnicott aponta que o ambiente total que o bebê necessita para

amadurecer de forma segura é formado pelo pai e pela mãe, mesmo que o lugar do pai não seja o mesmo da mãe na relação direta com o bebê. Desta forma, "não se trata, contudo, de priorizar a mãe ou o pai nos cuidados com o bebê, mas de compreender que o tipo de ambiente (cuidados) que o bebê precisa encontrar ao nascer, como pré-requisito para um amadurecimento saudável" (ROSA, 2009, p. 63)

Rosa (2009) refere que desta forma torna-se importante avaliar que o "mal" que o pai pode vir a praticar contra a mãe não oferecendo acolhimento, cuidado ou mesmo desprezando-a, atinge diretamente o colo oferecido a criança. Entende-se, a partir disso, conforme aponta Winnicott, a existência de prejuízos relacionados à ausência do pai real no ambiente, o que acarretará danos ao bebê e também à mãe no que diz respeito aos seus sentimentos e comportamentos.

A autora aponta que o suporte oferecido pelo pai é amplamente mais significativo do que um suporte comum dado por qualquer outra pessoa, assim, é o pai a pessoa mais indicada para, ao lado da mãe, propiciar o ambiente seguro, confiável e indestrutível que a criança necessita para desenvolver-se. Desta forma o pai que cumpre bem o seu papel junto a mãe criando esse ambiente total, e coopera para que o sentido de família seja introjetado na criança, estabelecendo assim alicerces a cerca deste (ROSA, 2009).

4.2.3 O Pai no Estágio do Concernimento

No estágio do concernimento a criança alcança com mais firmeza o estabelecimento de um eu unitário, e a partir disso é capaz de integrar e elaborar, como pessoa, sua instintualidade. Desta forma, a criança se torna hábil não só em experienciar a potencialidade de seus impulsos primitivos, mas também é capaz de assumir a destrutividade resultante de tais impulsos, ou seja, é capaz de conviver com a ambivalência (ROSA, 2013).

Rosa (2013), afirma que se diante da descoberta dessa destrutividade, se a criança for capaz de tolerar a culpa buscando meios de reparação, ela tem possibilidade de suportar e provavelmente resolver de maneira saudável os conflitos originados na ambivalência.

Neste momento surge, de forma natural, um novo sentimento no lugar do incompadecimento inicial: surge o sentimento de compadecimento, acompanhado de espontânea atitude de concernimento ou de responsabilidade para com os efeitos

de seus atos. Desta forma a criança passaria a desenvolver a capacidade de “tolerar e conter o conflito, que era na verdade um conflito inerente, um conflito que pertence à vida normal” (WINNICOTT, 1983, p. 21).

Rosa (2013) pontua que o processo de estabelecimento do concernimento é longo e acontece no tempo, na experiência de danificar-reparar; desta forma, é necessário que o pai esteja presente a fim de proteger a mãe da impulsividade da criança. É através das características paternas que anteriormente eram apresentadas pela mãe, que será imposto os limites, assim é agora o pai que reunirá as características pertencentes a ele, tal como, a dureza, a inflexibilidade e a força.

Conclui-se então, que a função do pai é proteger a mãe do excesso de amor ou de ódio, colocando-se assim como muralha a fim de receber toda gama de sentimentos, aliviando, deste modo, a carga de angústia da criança. "É menos destrutivo chocar-se com o pai do que com a mãe, pois esta preserva, para sempre, alguma coisa do objeto subjetivo que foi para o bebê" (DETHIVILLE, 2013, p. 35).

Desta forma, a criança quando bem integrada, é capaz de perceber que aquela a quem exige, agride e destrói com suas necessidades e exigências é a mãe que o recebe e acolhe, é a quem direciona o seu amor, assim a criança vivenciará o conflito entre amor e ódio; neste aspecto, o papel fundamental do pai é o de proteger a mãe, permitindo à criança a expressão instintual, o desenvolvimento da culpa e também da responsabilidade (AMIRALIAN, 2013).

Rosa (2009) esclarece que diante do fato da criança ter um pai forte e protetor, ela não temerá destruir a mãe e, por isso, não precisará inibir ou perder a capacidade para o amor excitado.

Entretanto, sem a proteção do pai, a mãe fica consideravelmente vulnerável, podendo não suportar as reivindicações da criança e assim, pode vir a sucumbir. Desta forma, esgotada, a mãe pode sentir-se diretamente violada, e passar a desconsiderar que as ações da criança não são contra ela – mas uma expressão da natural vitalidade da criança –, podendo assim, não receber o gesto de reparação efetuado pela criança (ROSA, 2013).

Toda via, os pais, cientes de que tal agressividade é de origem natural, considerando que tal refere-se à manifestação de sua singularidade, fazendo-se assim, necessária e saudável, tendo em vista que é a partir dessa experiência que o bebê penderá para a conquista da confiança e da autonomia. O que se faz

adequado, neste momento, é que a mãe não se surpreenda nem se sinta ameaçada diante da agressividade do bebê, ou seja, não julgue a agressividade como uma expressão de maldade (MARTINS, 2013).

O autor enfatiza ainda que sobreviver à agressividade da criança significa, "não retaliar, não moralizar, nem rejeitar – e obviamente não o humilhar a fim de mostrar quem manda ali" (p. 10). Ou seja, os pais não devem compreender a destrutividade como uma artimanha da criança para chamar atenção e manipular e tampouco devem tomar atitudes rígidas tendo como objetivo "cortar o mal pela raiz" (MARTINS, 2013, p. 10).

Diante disto, um aspecto fundamental do pai no estágio do concernimento é o de garantir a indestrutibilidade do ambiente, pois a criança de fato descobre-se agressiva e necessitará que o ambiente suporte a expressão dessa destrutividade, tendo em vista, como já citado, que tal vivência se faz fundamental para o desenvolvimento saudável da criança (ROSA, 2010).

"A proteção que o pai oferece nesse momento é a de pôr limites, o que permite à criança viver espontaneamente seus impulsos sem precisar inibi-los, tendo, assim, a oportunidade de conhecê-los e aprender a controlá-los." (ROSA, 2009, p. 78).

Conforme Rosa (2009), em relação ao o que foi mencionado, deve-se pensar em uma cerca que impõe limites para que nenhum conteúdo extrapole tais demarcações. Esses limites estabelecidos pelo pai é o que garante à criança e à mãe a proteção necessária neste processo, não acarretando assim nenhum prejuízo para quaisquer partes.

Em outras palavras, a presença e confiabilidade no pai permite à criança arriscar mais, permite que a experiência da instintualidade se dê de forma intensa e sem censura, portanto diante da presença efetiva do pai, a criança não teme por conta de sua agressividade aniquilar a mãe, ou seja, seu próprio ambiente (ROSA, 2013).

A autora afirma ainda que, após o surgimento do pai na vida da criança, este é o responsável por administrar o ódio infantil, tendo em vista que a mãe estará atrelada aos sentimentos tranquilos e amorosos; assim, é necessário que exista alguém no qual a criança possa direcionar os sentimentos destrutivos. Mesmo que os sentimentos possam oscilar entre os pais, naturalmente cada progenitor estará fundamental e especialmente ligado a um lugar e função (ROSA, 2013).

Amiralian (2013) pontua a importância do pai na vida da criança, levando em conta que ao sustentar a lei e a ordem através dos limites o mesmo fornece à criança um sentimento de segurança social.

Finalmente, nesta etapa, o pai poderá ser percebido como um elemento isolado e independente da mãe. Nesta ocasião, a criança poderá fazer, se estiver garantida a presença forte e indestrutível do pai, a integração de sua impulsividade instintual (FARIA, 2014).

Dethiville (2014) afirma que a criança aprende, através do pai, sobre outro ser humano, pois é através dele que a criança tem a primeira experiência de como é uma pessoa total, tendo em vista que a mãe é, inicialmente, compreendida como um conjunto de objetos. Assim, quando a criança é capaz de perceber-se como unidade, utiliza-se do pai como padrão para sua própria integração.

Loparic (2013) expressa que neste papel de terceiro, em que se responsabiliza por todo o contexto familiar, o pai apresenta-se como algo inteiro na organização do ego do bebê e também à concepção mental deste. Diante disto, Winnicott pontua que neste momento o pai é o modelo para a própria integração do bebê, e se por algum motivo o pai não estiver presente o bebê poderá sim desenvolver-se como eu, mas de maneira mais penosa, ou tomando como modelo outra relação que seja segura e confiável (WINNICOTT, 1994).

Desta forma e de acordo com Rosa (2013) a partir desta etapa, Winnicott aponta a criança como uma pessoa inteira, e assim, capaz de reconhecer o pai como pai e também se encontra apta a relacionar-se com outras pessoas, assim como ela, também inteiras.

A autora afirma ainda que é fundamental que os pais tenham sensatez suficiente para consentir que a criança explore os sentimentos pertencentes a esse estágio. A criança, que foi feliz em atingir o estágio do concernimento, diz o autor, e pôde cumprir as tarefas desta fase, está capacitada para “ir em frente rumo ao problema dos relacionamentos interpessoais triangulares, o clássico complexo de Édipo.” (WINNICOTT, 2000, p. 373).

4.2.4 O Pai no Estágio Edípico

Birman (2006) pontua que a função da psicanálise é a de fazer presente a imago³ paterna no sujeito, pois é a imago paterna que desempenha a mediação do indivíduo com o mundo, retirando-o da relação dual e projetando-o para as outras relações, ou seja, é a imago paterna que possibilita a relação triangular e assim potencializa o indivíduo para as demais relações sociais.

Neste estágio a criança vive o que Freud denominou de estado edípico o que, para Winnicott, não diz respeito apenas à assuntos de ordens genitais, mas refere-se, também, ao fato de a criança iniciar, nesse período, as vivências triangulares, momento no qual os sentimentos de lealdade e deslealdade são experienciados (AMIRALIAN, 2013).

Sendo assim, no estágio do complexo de Édipo ocorre o confronto da criança com a existência de uma terceira pessoa na relação e a constatação de que ela própria é essa terceira pessoa, percebendo assim a real relação afetiva e excitante entre o pai e a mãe, da qual ela não faz parte. É nessa descoberta que ocorre, conforme Dias, “a percepção do triângulo com a criança no vértice” (2003, p. 267, *apud* ROSA, 2013), que Winnicott denomina “cena primária”.

Na etapa anterior, a criança deu-se conta do pai e usou-o para proteger a mãe de sua destrutividade, mas neste estágio a criança percebe que, entre o pai e a mãe, existe uma relação excitante da qual ela não faz parte (ROSA, 2009).

Assim, a partir de Winnicott, seria mais preciso denominar este estágio de estágio das relações triangulares (ou das relações familiares). O autor afirma que quando a criança chega neste estágio é capaz de discernir, por si só, a presença de três pessoas: ela mesma e outras duas. Winnicott destaca que a criança que neste momento conta com sorte de encontrar uma estrutura familiar à sua espera, será capaz de ampliar, a partir deste protótipo, suas relações para configurações mais complexas (WINNICOTT, 1990).

Pode-se pontuar que é a partir desta relação triangular e da experiência ocorrida nesta, que a criança reunirá os componentes necessários para que, no futuro, tenha condições de desenvolver relações interpessoais saudáveis.

³ Termo derivado do latim (imago: imagem) e introduzido por Carl Gustav Jung, em 1912, para designar uma representação inconsciente através da qual um sujeito designa a imagem que tem de seus pais (ROUDINESCO, PLON, 1998).

Ao deparar-se com a realidade já citada - a existência da relação afetiva e erótica entre os pais - nasce na criança um sentimento de exclusão, o que resulta numa gama de fantasias agressivas de ódio e vingança; porém, essa mesma constatação possibilita à criança segurança e estabilidade em relação ao enfrentamento e elaboração dos sentimentos provenientes às relações edípicas, ou, como apresentado por Winnicott, relações triangulares (ROSA, 2013).

Rosa (2013) aponta ainda que, segundo Winnicott, a criança que ao entrar nessa fase conta com a presença efetiva de um pai e uma mãe experimenta alívio, pois ao deparar-se com o progenitor do mesmo sexo, poderá manter seu desejo pelo progenitor do sexo oposto; já na ausência do progenitor do mesmo sexo, ou seja, de uma terceira pessoa, a criança só encontraria duas alternativas: ser engolida ou afastar-se violentamente do progenitor do sexo oposto.

Assim, com a relação triangular a criança não passará pela angústia da possibilidade da fantasia edípica se concretizar, pois estará segura com a presença de ambos os pais, podendo assim vivenciar este estágio de forma protegida.

Desta forma, o pai estará presente de algumas maneiras especiais neste estágio e a primeira delas é possibilitando ao filho a rivalização, tendo em vista que o pai é, a partir deste momento, "o interventor dos desejos sexuais da criança com relação ao progenitor do outro sexo." (ROSA, 2009, p. 82).

ROSA (2010) pontua, porém, que é somente através da confiança que a criança tem na relação com o pai que a triangulação, e assim, conseqüentemente, o papel do pai poderá ser desempenhado, pois é através da identificação com o pai e da capacidade deste em lidar com o ódio da criança é que faz dele um ser capaz de rivalizar com o filho, validando, desta forma, sua potência ao pé que também impede-o de prosseguir na realização das fantasias que alimenta em relação à mãe.

Conforme Rosa (2010) examinou o tema do pai em Winnicott:

É devido à confiança que a criança tem na relação com o pai que a triangulação edípica pode ser experienciada, pois, sem uma base de segurança, ela tem poucas condições de fazer uma experiência genuína de rivalidade. É pelo fato de o pai ser presente e confiável que o menino pode, por exemplo, experimentar odiá-lo e desejar destituí-lo, e é igualmente por causa dessa mesma confiança que o pai pode fazer valer sua autoridade, elevar a voz, impedir, cercar, discordar e brigar com a criança. Se não há o pré-requisito da confiança, todas essas importantes e necessárias intervenções paternas facilmente se tornam vivências esvaziadas ou, por outro lado, aterrorizantes, e deixam a criança sem alternativa, danificando

uma experiência de confronto que, a princípio, seria boa e resultaria em amadurecimento pessoal (ROSA, 2010, p. 9).

Desta forma, constata-se que a base para que a criança rivalize com o pai é confiança. Assim o sentimento de reconhecimento e valor do filho pelo pai, ou seja, o amor do pai, serão confirmados e tidos como algo seguro, que não irá se perder, à medida que o pai sobreviver à agressividade e à rivalidade do filho, não sentindo-se, todavia, ameaçado, mas sobretudo seguro em seu papel de pai. Em suma, o que o filho anseia é que o pai seja capaz de acolher sua rivalidade, de modo a não se abalar com esta e nem redirecioná-la à ele. Espera-se, porém, que o pai compreenda tal atitude como uma busca do filho pela superação e tentativa de igualar-se ao pai, reconhecendo assim a admiração que o filho tem por ele e também reconhecendo sua potência (MARTINS, 2013).

Assim, é necessário que o pai possa ser alvo de fascínio, mas deverá ser também capaz de suportar o ataque, as críticas e os confrontos, possibilitando que o menino possa, de certa maneira, romper com ele e se diferenciar (GALVÁN, 2013).

Martins (2013) coloca que o mais saudável para o pai, com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento do filho é aceitá-lo incondicionalmente, não competindo com ele, mas aceitando sua rivalização, é necessário ainda, que o pai não espere nem imponha à criança que seu desempenho se dê com base em seu padrão pessoal, mas que este possa dar espaço para a criatividade e espontaneidade da criança.

O segundo papel do pai no Estágio do Édipo é que o pai não é somente um símbolo da lei, aquele que deve ser temido e respeitado. Conforme aponta Rosa (2009), é necessário que o pai seja alguém real, que desempenhe ações ativas e concretas de amparo e intervenção junto às relações familiares, tendo ainda que ter efetiva presença junto à criança no que diz respeito às suas peculiaridades, preferências e desgostos.

Deste modo, a relação do menino com o pai e o amor à ele dirigido, vinculado ao fato de tê-lo como interditor entre ele e a mãe, colaboram de forma satisfatória para que a criança saia do embaraço de fantasias que o envolvem. O pai torna-se então, através da confiança desenvolvida e da proximidade entre ambos, um esboço de fortaleza e proteção, merecedora de admiração e identificação. Somente um filho que se identifica com o pai, aceita os contornos estabelecidos por este (ROSA, 2013).

Se, diante da fragilidade e imaturidade ao lidar com essas questões, a criança não puder contar com a firmeza do pai em proteger a mãe e a ela própria, poderá ocorrer que a criança seja acometida de um pavor excessivo, por perceber a possibilidade das consequências de seus comportamentos excitados (ROSA, 2013).

Desta forma, o pai que foi competente na tarefa de facilitar a integração da instintualidade da criança e capaz de levá-la a tolerar a ambivalência, vê-se agora nomeado para um novo papel, o de proteger a mãe contra a progressiva manifestação do amor de base genital do filho, seja essa manifestação real ou imaginária. Porém, esta proteção não deve bloquear de forma brusca seus estados excitados, mas de maneira que a criança possa viver e suportar a experiência de ambivalência (LOPARIC, 2013).

Rosa (2010), afirma que a criança precisa vivenciar as experiências de sua instintualidade, a fim de reconhecer a energia e as características desta impulsividade, porém, tal situação só poderá ocorrer sob a firmeza e amparo do pai.

Conforme aponta Galván (2013), para que ocorra a elaboração destes conflitos provenientes da instintualidade, a criança necessariamente utilizará da fantasia, mas o que deve ser levado em conta é que essas fantasias são demasiadamente maiores que a real potência sexual da criança (ROSA, 2010). Assim, faz-se fundamental que os pais, em especial o pai, auxiliem a criança a discriminar o que é real daquilo que é fantasia, levando em conta que neste momento a criança ainda não é capaz de controlar sozinha suas próprias fantasias, nem é capaz de fazer diferenciação entre realidade e fantasia (ROSA, 2010; GALVÁN, 2013).

Rosa (2009) afirma que as neuroses podem ocorrer neste momento, tendo em vista que estas se originam, neste estágio, não de uma falha direta do ambiente, mas são resultantes de fracassos no gerenciamento dos conflitos de ordem instintual.

Faz-se necessário também, que além da disposição em aceitar a rivalização com o filho, o pai seja capaz de acolher o amor dirigido à ele, não temendo tendências homossexuais do filho ou dele próprio, mas através deste amor e admiração o pai possa fornecer ao filho o padrão que este necessita, tendo nele a figura forte e potente, buscando assim identificar-se com ele (GALVÁN, 2013).

Sobre o papel de interditor, Rosa (2009, 2013) pontua que o pai, além de produzir a ansiedade de castração que geram o medo e o ódio, ele produz também

alívio, pois sem sua presença efetiva a criança estaria entregue à fantasia e ao medo de sua realização, o que poderia levá-la a reprimir parcial ou totalmente sua impulsividade, impossibilitando-a de experimentar esse processo natural e fundamental para seu desenvolvimento. “O medo à castração pelo genitor rival torna-se uma alternativa bem-vinda para a angústia da impotência.” (WINNICOTT, 1990, p. 62).

Resumindo, Amiralian (2013) afirma que a entrada neste estágio diz respeito à integração da instintualidade, do amor e ódio. Devido às fantasias carregadas de conflitos violentos, faz-se importante nesta fase que o pai interponha contra os desejos de ordem sexual, que lhe são dirigidos e também à mãe.

CONCLUSÃO

Conforme apresentado, o fundamento da teoria Winnicottiana é basicamente o bebê no colo da mãe, onde este afirma a existência no bebê de uma tendência para o amadurecimento, mas ainda assim e mesmo diante desta tendência inata há a necessidade em se contar com um ambiente que facilite esse processo.

As conquistas do bebê se dão de forma gradual na Teoria do Processo de Amadurecimento Pessoal de Winnicott, ao longo do qual a criança vivencia e elabora cada dificuldade que se apresenta, alcançando assim graus mais elevados em sua maturidade.

A partir das pesquisas realizadas, foi possível constatar, que diferentemente do que se pensa Winnicott considerou de forma bastante consubstanciada, a importância do pai, pontuando e descrevendo seu papel em todas as etapas do processo de amadurecimento pessoal, sendo apresentado na pesquisa exclusivamente seu papel nas etapas iniciais.

Mantêm-se a premissa de que a mãe é o primeiro ambiente do bebê e esta precisa oferecer um colo suficientemente bom, mas entende-se que a qualidade deste colo dependerá fundamentalmente do "colo" oferecido à mãe, o que se dá de forma inteiramente adequada, quando ofertado pelo pai da criança.

Observou-se que, no que diz respeito à dependência absoluta, o pai atua de forma a substituir a mãe diante de uma necessidade, oferecendo ao bebê os mesmos cuidados que a mãe lhe dispensa, e de forma não menos importante o pai é o responsável por ser o *holding* da mãe, possibilitando à esta uma total dedicação para com o lactante de maneira que esta possa, adequadamente, ser uma mãe devota.

No estágio de dependência relativa, o primeiro papel desempenhado pelo pai é a de chamar para si a mãe, que outrora encontrava-se em preocupação materna primária e por isto estava plenamente distante da realidade física e emocional que diz respeito a ela própria, ao marido e ao lar. Ainda é de incumbência do pai posicionar-se de modo a proteger a mãe dos ataques da criança, tendo em vista que nesta etapa a criança ao defrontar-se com o processo de desilusão, tende a atacar a mãe. Ainda é nesta etapa que o bebê vê o primeiro sinal do pai, ainda através da mãe, finalizando o pai é o primeiro modelo de integração para o bebê, sendo utilizado por este como padrão para sua própria integração.

No concernimento o bebê passará de incompadecido para compadecido, experienciará o sentimento de culpa e responsabilidade diante de sua instintualidade que se aflora de maneira atenuada neste momento, assim o bebê terá um movimento de danificar-reparar o ambiente. O pai terá o papel fundamental de impor limites a essa criança, de forma que não iniba nem cerceie a impulsividade da criança, mas de maneira que proteja a mãe de seus aspectos destrutivos.

Por fim, no estágio edípico o pai é plenamente percebido como ser integrado e a criança entende que há uma relação amorosa e sexual entre a mãe e o pai, havendo assim uma relação triangular, na qual ele faz parte como terceira pessoa. Ou seja, está diretamente excluído da relação entre os pais, essa constatação gera na criança uma gama de fantasias agressivas em relação ao progenitor do mesmo sexo; desta forma, o progenitor do mesmo sexo precisa ser capaz de rivalizar com a criança, não retaliando nem desconsiderando sua potência, mas validando-a à medida que mantêm a estabilidade e a segurança do ambiente, o que resultará em alívio para a criança, tendo em vista, que necessitará reprimir sua instintualidade e também não precisará lidar com o pavor da possibilidade de suas fantasias de cunho genital possam se realizadas.

A apresentação dos diversos papéis do pai, ao longo do processo de amadurecimento pessoal, não aponta apenas que Winnicott abarcou a temática, como trouxe valiosas contribuições para o aprofundamento do mesmo.

Não se caracterizando como objetivo da pesquisa realizada, mas percebendo sua relevância, sugere-se que seja realizada uma investigação a respeito das consequências presentes em um adulto, em relação a presença e falhas paternas, direcionando um olhar especial para o desenvolvimento do mesmo diante de sua própria paternidade.

Faz-se considerável também compreender as possíveis consequências destas falhas no que diz respeito à sociedade, tendo em vista que o papel do pai é de, através do papel de autoridade, colocar limites, preparando o indivíduo para as relações interpessoais, e conseqüentemente para a convivência em sociedade, o que exige de igual forma atitudes de respeito às leis e regras de convivência social. Qual a relação entre a ausência paterna e a atual situação de violência enfrentada na sociedade? Questionamento este que sugere e motiva novas investigações científicas.

REFERÊNCIAS

AMIRALIAN, Maria Lucia Toledo Moraes. O pai nos dias de hoje e as consequências. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 8, n. 2 (2013). Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/38>> Acesso em: 26 Agosto 2015.

BIRMAN, Joel. Genealogia do feminino e da paternidade em psicanálise. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 8, n. 1, jun. 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302006000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Agosto 2015.

BORGES-DUARTE, Irene. O pai devorador de seus filhos. Do mito de saturno à interpretação fenomenológica e analítica do tempo. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 15, n. 2, jan. 2013. Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/NH/article/view/30>>. Acesso em: 25 Agosto 2015.

CÁURIO, R. P. (2000). A atualidade da visão winnicottiana. Círculo Brasileiro de Psicanálise. Disponível em: <<http://www.cbp-rj.org.br/rev200winnic.htm>> Acesso em: 26 Agosto 2015.

DETHIVILLE, Laura. O pai suficientemente simbólico? **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/54>> Acesso em: 26 Agosto 2015.

DIAS, Elsa Oliveira. A Teoria do Amadurecimento de D. W. Winnicott. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2003.

_____, Elsa Oliveira. La teoría winnicottiana de la maduración como guía de la práctica clínica. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 2, n. 1, 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000100001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 Outubro 2015.

_____, Elsa Oliveira. A teoria winnicottiana do amadurecimento como guia da prática clínica. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 10, n. 1, jun. 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S15172430200800010002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Agosto 2015.

FARIA, Flavio Del Matto. O lugar do pai no contexto da regressão clínica. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/52>>. Acesso em: 26 Agosto 2015.

GALVÁN, Gabriela B. O pai e a problemática do falso si-mesmo em um contexto edípico: um caso de Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 8, n. 2 (2013). Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/WePrints/article/view/40/25>> Acessos em: 26 Agosto 2015.

GIL, Antonio, Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 5. Ed. Atlas S.A. São Paulo. 2010.

LEMGRUBER, Isabel de Oliveira Castro. Um olhar para Winnicott: o ambiente e a dependência, orientador: Octávio Almeida de Souza. – Rio de Janeiro: PUC, Departamento de Psicologia, 2005.

LOPARIC, Zeljko. Winnicott: uma psicanálise não-edipiana. **Revista Percurso**, v. 9, p. 17, 1996.

_____, Zeljko. A teoria winnicottiana e o amadurecimento pessoal. *Infanto-Revista de Neuropsiquiatria da Infância e Adolescência*, v.7, supl.1, p.8-41, 1999.

_____, Zeljko. De Freud a Winnicott: aspectos de uma mudança paradigmática. *Revista de Filosofia e Psicanálise Natureza Humana*, v.8, Especial 1, p.21-47, 2006.

_____, Zeljko. O pai e o monoteísmo em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 8 (2013). Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/we-prints/article/view/28>> Acesso em: 25 Agosto 2015.

MARTINS, André. Reflexões sobre as funções do pai na inserção da criança na realidade. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 8, n. 2 (2013). Disponível em: <<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/39>> Acesso em: 26 Agosto 2015.

MORAES, Ariadne Alvarenga de Rezende Engelberg de. Caso B: a experiência da perda do concernimento e a importância da análise. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 12, n. 1, 2010. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302010000100008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 set. 2015.

NETO, Alfredo Naffah. O lugar e a função do avô, aquele que é pai duas vezes: um estudo a partir de D. W. Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 6, n. 2, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2011000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Agosto 2015.

RIBEIRO, Maria José. Considerações sobre o desenvolvimento excessivo da inteligência na criança e o papel do pai na dependência relativa. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 8, n. 2 (2013). Disponível em:<<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/37>> Acesso em: 27 Agosto 2015.

ROSA, Claudia Dias. O papel do pai no processo de amadurecimento em Winnicott. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 2, fev. 2009. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Agosto 2015.

_____, Claudia Dias. O pai e a integração da instintualidade. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 5, n. 2, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2010000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em: 26 Agosto 2015.

_____, Claudia Dias. (2011). As falhas paternas em Winnicott. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____, Cláudia Dias. O pai em Winnicott. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 8 (2013). Disponível em:<<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/WePrints/article/view/16>> Acesso em: 26 Agosto 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth. PLON, Michael. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SERRALHA, Conceição A.. Winnicott com Gabrielle e seus pais. **Nat. hum.**, São Paulo, v. 11, n. 1, jun. 2009. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 Agosto 2015.

_____, Conceição A. A criança agressiva e o pai. **Winnicott e-prints**, São Paulo, v. 9, n. 1, 2014. Disponível em:<<http://revistas.dwwe.com.br/index.php/We-Prints/article/view/51>> Acesso em: 26 de Agosto 2015.

WINNICOTT, Donald Woods. **O Brincar e a Realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____, Donald Woods. **O Ambiente e os Processos de Maturação**. São Paulo: Artmed Editora, 1983.

_____, Donald Woods. **Natureza Humana**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1990.

_____, Donald Woods. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____, Donald Woods. **Explorações Psicanalíticas**. Porto Alegre: Artmed, 1994.

_____, Donald Woods. **Da Pediatria à Psicanálise - Obras Escolhidas**. Rio de Janeiro: IMAGO; 2000.

_____, Donald Woods. **Os Bebês e suas Mães**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____, Donald Woods. **Tudo Começa em Casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, Donald Woods. **A criança e seu mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.